

DEPENDÊNCIA QUÍMICA: PROBLEMA BIOLÓGICO, PSICOLÓGICO OU SOCIAL?

Edivânia de Jesus Luz Barbosa ¹

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo problematizar sobre o consumo de substâncias psicoativas é uma característica comum a populações da maioria dos países, inclusive a do Brasil, sendo o tabaco e o álcool as mais utilizadas. Muitas variáveis (ambientais, biológicas, psicológicas e sociais) atuam simultaneamente para influenciar a tendência de qualquer pessoa vir a usar drogas e isto se deve à interação entre o agente (a droga), o sujeito (o indivíduo e a sociedade) e o meio (os contextos socioeconômico e cultural). Embora o principal objetivo de sua utilização fosse o alívio da dor ou servisse como parte da realização cultural. De forma geral, encontram-se nessa obra argumentos consistentes para fundamentar as questões das drogas e talvez por isso se torne referência para os interessados no estudo deste fenômeno. O paradoxo da droga é que ele ao mesmo tempo traz alívio alegria diversão, poder, sedução, produz dor, sofrimento, desagregação, escraviza e mata.

Palavras chave: Dependência química, Problema biológico, Psicológico ou social.

ABSTRACT

This research aims to discuss about the use of psychoactive substances is a common feature of populations of most countries, including Brazil, and tobacco and alcohol the most commonly used. Many variables (environmental, biological, psychological and social) act simultaneously to influence the trend of any person will use drugs and this is due to the interaction between the agent (the drug), the subject (the individual and society) and the medium (the socio-economic and cultural). Although the primary purpose of its use were pain relief or serve as part of cultural achievement. Overall, this work are consistent arguments to substantiate drug issues and perhaps this will become a reference for those

¹ Edivania de Jesus Luz Barbosa discente é do curso de licenciatura em química , 1ª semestre da universidade do recôncavo da Bahia (UFRB). Amargosa.

interested in the study of this phenomenon. The paradox of the drug is that it simultaneously brings relief joy fun, power, seduction, produces pain, suffering, breakdown, enslaves and kills.

Keywords: Chemical dependency, Biological problem, Psychological or social.

INTRODUÇÃO

Para compreender melhor a questão da dependência química O relato sobre o uso de drogas pela humanidade, remonta os tempos mais remotos, embora o principal objetivo de sua utilização fosse o alívio da dor ou servisse como parte da realização de rituais de uma determinada cultura. Para Santos (2009), a utilização de substâncias para alterar o estado psíquico é conhecida há mais de quatro mil anos, principalmente pelo povo egípcio, que àquela época já relatava o uso de oleáceos e maconha. A maioria dos medicamentos utilizados na Antiguidade era originária de plantas que como exemplo disso temos a maconha que hoje e considerada como drogas ilícita.

Segundo Mól, (2009), a definição atual de “droga” utilizada no meio científico é qualquer substância capaz de trazer alterações no funcionamento do organismo de um ser vivo, resultando em mudanças fisiológicas e comportamentais, sejam elas nocivas ou medicinais.

A capacidade de alterar os estados mentais ou psíquicos caracteriza as drogas conhecidas como psicotrópicas, que agem no cérebro e provocam mudanças nas sensações, nos pensamentos e comportamentos de um indivíduo. Para Santos, (2009) a palavra psicotrópica é originário de psico (mente) e trópico (atração por). Vale ressaltar que as alterações referidas podem ser causadas por qualquer tipo de droga, porém cada substância provoca uma reação diferente no organismo. No entanto, boa parte das drogas psicotrópicas apresenta uma forte tendência a causar a dependência de acordo com a sua utilização.

TIPOS DE DROGAS

Ansiolíticos

Os ansiolíticos, também chamados tranquilizantes são medicamentos capazes de atuar no sistema nervoso sobre o estado de ansiedade e a tensão, trazendo ao indivíduo uma sensação de calma tranquilizadora. São medicamentos prescritos a pessoas que sofrem de ansiedade ou insônia por também terem efeitos hipnóticos. Para Santos (2009), muitas pessoas utilizam os ansiolíticos de forma indiscriminada e inadequada, sempre que pensam enfrentar uma situação que gera ansiedade.

Para Mól (2009), outro grande problema é a mistura de ansiolíticos benzodiazepínicos (o tipo mais comum) com bebida alcoólica, que pode levar o indivíduo a graves problemas médicos, pois o álcool é um depressor do sistema nervoso central e potencializa os efeitos dos ansiolíticos.

Santos (2009) diz que, em longo prazo, a utilização inadequada dos ansiolíticos traz prejuízos nos processos de aprendizagem e memória do indivíduo e nas funções psicomotoras. As intoxicações agudas por benzodiazepínicos são encontradas com alguma frequência nas salas de emergência.

A sedação é o achado mais comum, mas pode haver casos de desinibição comportamental, com agressividade e hostilidade. Tal efeito é mais comum quando os benzodiazepínicos são combinados com o álcool, mas pode aparecer em pacientes idosos ou com lesões prévias no Sistema Nervoso Central (MÓL, 2009).

Anticolinérgicos

Para Silva (2008), os anticolinérgicos podem ser naturais (encontrado em algumas plantas, como lírio, trombeta de anjo, etc) ou sintéticos (encontrados em medicamentos contra o Mal de Parkinson, cólicas estomacais ou intestinais, e ainda em colírios para dilatar a pupila), e em ambos os tipos os efeitos produzidos são os mesmos.

Cocaína

A cocaína é uma substância capaz de estimular o sistema nervoso central, causando aceleração do pensamento, inquietação psicomotora, aumento do estado de alerta, inibição do apetite, perda do medo e sensação de poder. Segundo Mól (2009), no entanto, as sensações agradáveis por ela proporcionadas duram curto período de tempo, e após seus

efeitos, a pessoa pode ser levada a um estado de depressão, necessitando de outras doses da droga para ter a sensação que está saindo deste estado. A cocaína pode ser aspirada, injetada ou fumada (sob a forma de crack).

Seu uso contínuo pode levar a sérias complicações cardiovasculares, respiratórios, gastrointestinais, perda da capacidade sexual, entre outros. Quanto aos problemas psicológicos causados pelo seu uso em longo prazo, está a depressão, ansiedade, irritabilidade, agressividade, dificuldades de concentração, e sentimentos de perseguição (paranoia). Para Silva (2008), quando a dependência se estabelece, o indivíduo limita os seus comportamentos apenas para a busca e a utilização da droga, pondo de lado todas as outras atividades.

Êxtase

É uma substância inicialmente utilizada como moderador de apetite, porém atualmente é extensamente usada por pessoas que frequentam festas e casas noturnas, e tem a forma de um comprimido. Segundo Andrade (1994), seus efeitos agudos compreendem intensa hipertermia, podendo ir acima de 400 graus centígrados (o que pode levar a desidratação), taquicardia e elevação da pressão arterial, alucinações, aumento da atividade física e insônia. Os efeitos causados pelo seu uso em longo prazo são hepatopatias, cardiopatias, emagrecimento, transtornos psiquiátricos e lesão cerebral.

LSD

O LSD, também conhecido como “ácido”, é uma substância sintética, ou seja, produzida em laboratório, capaz de provocar grandes alterações mentais, causando fortes efeitos alucinógenos no indivíduo. Segundo Mól (2009), as alucinações, em sua maioria, ocorrem na área visual ou auditiva. Estados de intensa euforia podem ser intercalados com sentimentos de medo e tristeza, além da presença de sentimentos persecutórios.

Os efeitos agudos do uso do LSD são pupilas dilatadas, aumento da temperatura corporal e da pressão arterial, taquicardia, sudorese, perda de apetite, insônia, boca seca, tremores, alteração na percepção espacial e corporal, despersonalização, sinestesia (mistura de informações sensoriais, como “ouvir uma cor”, “ver um som”). Já os efeitos crônicos se traduzem por fadiga, tensão, transtornos psiquiátricos se houver predisposição, “flashbacks” (fenômeno de causa desconhecida, mas que leva o usuário a apresentar todos

os sintomas psíquicos de uma experiência anterior, mesmo sem ter utilizado a droga novamente), incapacidade de perceber e avaliar situações de risco.

Tabaco

O tabaco é uma planta denominada *Nicotina tabacum*, da qual é extraída a nicotina, entre outras substâncias altamente tóxicas como terebintina, formol, amônia, naftalina, etc.

O tabaco é uma droga que causa tolerância e dependência, e muitas das pessoas que fumam se sentem incapazes de interromper seu uso. Os efeitos agudos do tabaco são leve taquicardia, hipertensão, aumento da respiração e da atividade motora, dificuldade de digestão, insônia, tontura e inibição do apetite. Os efeitos causados pelo seu uso contínuo são doenças cardíacas, bronquite crônica, enfisema pulmonar, derrame cerebral, úlcera digestiva, diversos tipos de câncer, diminuição da longevidade.

Álcool

O álcool é uma das poucas drogas que têm o consentimento da sociedade para a sua utilização, o que facilita a sua aquisição e o uso indiscriminado em qualquer faixa da população. Para Mól, (2009) só é visto como um problema, quando é utilizado de forma exacerbada. Os efeitos causados pelo álcool incluem duas fases: uma estimulante e outra depressora. Na fase estimulante surgem a euforia, desinibição social e facilidade para falar em público:

“Os efeitos depressores se traduzem por falta de coordenação motora, sonolência e descontrole. O efeito depressor é acentuado pelo consumo excessivo do álcool, podendo levar ao estado de coma. Ele age diretamente em órgãos como fígado, coração, vasos, e parede de estômago, e seu uso prolongado pode desencadear patologias em cada um deles (MÓL, 2009).”

Para Mól (2009), o alcoolismo é uma doença muito comum, e de difícil controle, pois o álcool é utilizado pela primeira vez cada vez mais cedo, e para adquiri-lo, o indivíduo não precisa fazer grandes esforços. Em algumas comunidades, há uma estimulação quanto a ingestão do álcool, como se fosse traço de masculinidade, garantia de diversão em festas, etc.

TRATAMENTO

A dependência química é reconhecida como uma doença que afeta o indivíduo no campo biopsicossocial, e as estratégias de seu tratamento busca o restabelecimento físico, psicológico e a reinserção social do dependente.

Para Mtsunaga (2008), o tratamento da dependência química é muito complexo e seu sucesso e efetividade estão intimamente ligados ao grau de motivação do indivíduo. Os sintomas da dependência não diferem em grande escala de pessoa para pessoa, mas a motivação para a mudança se apresenta de uma determinada forma para cada um, sendo assim, variável. Após uma avaliação do quadro, o tratamento mais indicado será discutido junto com o dependente, sua família e a equipe multidisciplinar (MTSUNAGA, 2008).

A internação é parte do tratamento, e não uma única estratégia. Ela é utilizada com o objetivo de desintoxicar o indivíduo, e não implica na cura da dependência química. Segundo Adiala (2009), além disso, a internação é necessária quando o dependente apresenta sintomas de abstinência muito intensos, ou quando quadros psiquiátricos são desencadeados pelo uso excessivo de drogas.

DESENVOLVIMENTO

Para Gentil existe no mundo extensa produção bibliográfica sobre questões relacionadas às drogas (psicológicas, sociais, educacionais, políticas, sanitárias, econômicas e religiosas), popularmente conhecidas como drogas lícitas e ilícitas. A partir do século XX, essas publicações se intensificaram. Várias foram as razões para isso. Segundo Mól (2009), muitas drogas atuam no sistema nervoso central como analgésico que bloqueiam a sensação de dor a definição atual de drogas utilizada no meio científico é qualquer substância capaz de trazer alterações no funcionamento do organismo.

Para Silva (2008), o avanço científico e tecnológico, o conhecimento armazenado, a gama de tratamentos existentes, o envolvimento de muitas áreas do conhecimento com essa temática, a alta prevalência de pessoas envolvidas (portadores de dependência, narcotraficantes, crianças, adolescentes, adultos ou idosos).

As reflexões sobre essas questões ocupam grande parte da atenção dos estudiosos. Embora esses estudos representem boa bagagem na produção de conhecimento, ainda se fazem necessárias mais pesquisas para a melhor compreensão da complicada relação entre

as drogas e o homem. Ainda que tenhamos uma significativa produção intelectual sobre substâncias psicoativas, somos um tanto acanhados na compreensão deste fenômeno, que muito bem é articulado na obra de Leonardo de Araújo e Mota (ADILA, 1986).

Parafraseando Conte, pergunta-se: qual o campo em que se situam as drogas? A resposta é muito variada e heterogênea, tanto pelas disciplinas e ciências que se ocupam da área das substâncias psicoativas em relação ao uso de drogas, bem como pelos diferentes lugares que a droga ocupa na vida física, psíquica, legal e social do usuário e da comunidade. O uso de drogas situa-se em uma encruzilhada temática. O fenômeno diz respeito ao campo sociológico, médico, psicológico, jurídico, etimológico, psicanalítico, educacional, familiar e o religioso. Na pluralidade das interfaces desses campos é que o fenômeno da droga se situa. Sendo assim, cada lócus desse campo questiona e toma para si esse fenômeno em nome de alguma verdade que postula, oferecendo as mais diversas soluções. É com essa perspectiva em vista que o autor desenvolve seu trabalho, "*Dependência Química: Problema Biológico, Psicológico ou Social?*".

Para Santos (2009), a dependência química se apresenta sob duas formas: a dependência física e psicológica da substância. A dependência física é caracterizada pela presença de sintomas físicos extremamente desagradáveis que surgem quando o indivíduo interrompe ou diminui de forma abrupta o uso da droga, o que constitui na síndrome de abstinência. Quanto à dependência psicológica, as principais características compreendem um intenso estado de mal estar psíquico, levado por sintomas de ansiedade, depressão, dificuldades de concentração, entre outros, a partir do momento em que o indivíduo pára de ingerir a droga na frequência e quantidade habituais. Nesse caso, o dependente tem a sensação de ser incapaz de realizar qualquer atividade cotidiana sem o consumo da droga, mesmo que não tenha nenhum sintoma físico característico da abstinência.

A dependência química é entendida como uma doença que envolve aspectos biopsicossociais, e o curso de seu tratamento devem procurar oferecer intervenções nas três áreas para alcançar maior eficácia e efetividade.

Para sustentar os aspectos neurobiológicos da dependência, faz-se necessário mencionar o sistema de recompensa cerebral, responsável pela principal fonte de liberação da neurotransmissora dopamina. Segundo Andrade (1994), esta substância contida nos neurônios do segmento ventral, e cuja liberação ocorre no núcleo acumens e na área pré-frontal é responsável pelas principais vias do prazer, seja de modo natural, ou através do uso das drogas.

Todo esse sistema é responsável pela estimulação prazerosa, assim explicando parte do processo cerebral envolvido no uso de drogas.

Por causar uma sensação de bem-estar no indivíduo, o uso de drogas pode ser erroneamente associado ao alívio de tensões emocionais ou preocupações do indivíduo.

Dessa forma, entende-se que a droga é capaz de propiciar um amortecimento da vivência dos problemas emocionais de um indivíduo, mantendo-o alheio das dificuldades que deveria enfrentar na vida cotidiana. Um exemplo possível é o dos indivíduos que apresentam um quadro de intensa ansiedade, e que para minimizar as sensações dele provindas, ingerem álcool todas as vezes que necessitam enfrentar uma situação social. Nesse caso, a dependência química pode e instalar progressivamente de maneira subjacente à ansiedade.

Para explicar melhor estes aspectos envolvidos na dependência química, é necessário compreender o contexto social no qual o indivíduo se encontra inserido. Para Silva (2008), a realidade atual nos mostra que a disponibilidade da droga faz com que o álcool, o tabaco e até drogas mais pesadas, estejam muito próximas das crianças e adolescentes. O álcool é comercializado com pouco controle governamental, tornando-o uma das drogas de maior acesso pelos adolescentes.

Segundo Mól (2009), além da disponibilidade, a camada menos favorecida tem carência de suporte social adequado, especialmente quanto a educação, saúde e ao emprego, sabe-se que em muitas favelas o traficante pode exercer um papel manipulador, pois é ele quem passa a oferecer subsídios importantes no lugar da família ou dos órgãos governamentais.

Outros fatores como facilitação da interação social, a melhora dos vínculos sociais também pode ser caracterizada como um fator social de reforço do uso da droga. A confiança pessoal pode ser fortalecida enquanto as barreiras ou defesas diminuem. A intoxicação e a participação em rituais, como as atuais “rabis”, permitem que os usuários compartilhem suas experiências e sintam-se libertados das obrigações sociais normais.

Segundo Andrade (1994), o propósito da intoxicação é retirar-se das responsabilidades que a sociedade normalmente espera que um adulto ou adolescente tenha. A droga também é responsável por promover a coesão e solidariedade entre membros de um grupo social: serve como meio de identificação do grupo e com o grupo.

CONCLUSÃO

A conclusão final é que paradoxalmente ao que tem mostrado a história, a etiologia da dependência química é tarefa impossível de se realizar, e precisará ainda ocupar muitas mentes e esforços. Praticamente nenhum cientista ou teoria chegou a uma conclusão definitiva sobre essa questão, visto que as ciências são intrinsecamente transitórias e que nenhuma instância acadêmica isoladamente é capaz de fornecer uma teoria ou resposta consistente sobre as causas do uso e abuso de substâncias psicoativas.

Embora os problemas do uso de drogas sejam considerados como uma emergência na sociedade, não se pode deixar de ressaltar a importância de se realizar discussões com serenidade e comprometimento, não levando a construções anômalas, sem fundamentação alguma, não sendo possível pensar e abordar o tema em sua complexidade com reducionismos e preconceitos, apenas no campo conceitual teórico, puramente homogêneo e desarticulado.

Nesse sentido é imperativa e útil a visão de uma perspectiva de interdisciplinaridade ou a transdisciplinaridade, que permita conhecer o tema de forma mais ampla, pois a conjugação de esforços e abrangência de cada área possibilita por meio de pressupostos compartilhados uma visão sistêmica do fenômeno "*drogas*". Isso tudo desvela a dimensão deste entrecruzamento epidemiológico que é o processo saúde-doença.

O problema das drogas supera as questões simplesmente médicas, alimentando novas questões e problemas a ele relacionados, como por exemplo, a violência, a corrupção, a instabilidade política, o crime organizado, a lavagem de dinheiro, o favorecimento da propagação de AIDS e hepatites, entre outras. O produto "*droga*" encontra-se entre as três atividades mais lucrativas do mundo, superando o petróleo e o mercado das armas. Além disso, forma uma rede direta e indireta com um dos maiores empregadores de pessoas na produção, no consumo e na distribuição de substâncias psicoativas. Essa atividade agrega valor à sua existência, o que em muitas vezes explica a reduzida eficiência e eficácia de explicações, consolidando como poderosa economia ilegal.

De forma geral, encontram-se nessa obra argumentos consistentes para fundamentar as questões das drogas e talvez por isso se torne referência para os interessados no estudo deste fenômeno. O paradoxo da droga é que ele ao mesmo tempo traz alívio, alegria diversão, poder, sedução, produz dor, sofrimento, desagregação, escraviza e mata.

REFERÊNCIAS

ADIALA, J. C. *O problema da maconha no Brasil*. Rio de Janeiro: IUERJ, 1986.

ANDRADE, T. M. "A pessoa do usuário de drogas intravenosas" in: MESQUITA, F. e BASTOS, F. I. (org.). *Drogas e AIDS: estratégias de redução de danos*. São Paulo: Hucitec, 1994.

BUCHER, R. *Drogas: o que é preciso saber para prevenir*. São Paulo: FUSSESP, 1992. Disponível em: <http://www.grupointernacao.com.br/tratamento-dependencia-quimica.php>. Acesso: 17 de setembro de 2013.

CONTE, M. Psicanálise e redução de danos: articulações possíveis. *Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre* 2004; (25):23-33.

MÓL, S.G. **Química geral**. São Paulo. 2ªed. 2009.

MATSUNAGA, T,R. **Química geral**. São Paulo. 1ªed.2008.

SILVA, S, G. **Química geral**. São Paulo. 1ªed.2008.

SANTOS.P, L, W. **Química e sociedade**. São Paulo. 1ªed.2009. Disponível em: <http://www.neurociencias.org.br/Display.php?Area=Textos>. Acessado em 23 de setembro de 2013.